

XV Congreso da Asociación de Historiadores de la Comunicación

Universidade do Porto (14 e 15 de Setembro de 2017)

Comunicação: *“A Agência Radio e a Lusitânia: Contributos para o estudo das agências noticiosas em Portugal”*

ABSTRACT:

Alejo Carrera Muñoz (1893-1967) foi um jornalista galego, nascido em Vilasobroso (Mondariz), que residiu em Portugal desde os seus 15 anos de idade, tendo trabalhado, em Portugal e Espanha, não só como jornalista, correspondente de jornais espanhóis e brasileiros, mas também como empresário, político, homem de cultura e representante da comunidade galega no nosso país. Na nossa investigação, desenvolvida na área dos estudos da recepção da Antiguidade em Portugal, o seu nome surgiu, pela primeira vez, quando procurávamos nos jornais portugueses do início do século XX elementos concretos sobre a presença e acção da Agência Radio em Portugal. Uma breve pesquisa paralela de enquadramento sobre esta figura para nós completamente desconhecida conduziu-nos a um parco número de informações, não muito significativas mas sistematicamente repetidas, de onde se destaca sempre o facto de, em 1923, então com 30 anos de idade, ter adquirido e reconstruído na sua terra natal o castelo de Vilasobroso (Mondariz). Nas páginas dos jornais compulsados, a presença do seu nome é frequente: quer como correspondente dos jornais espanhóis *El Imparcial* e *El Sol*, quer como correspondente da *United Press* para o jornal brasileiro *O Paiz*, quer, ainda, como representante da Agência Radio em Portugal. Há igualmente notícias que nos informam os cargos de direcção que exerceu nas associações galegas em Portugal, do seu papel político e social em Vilasobroso e dos seus negócios na área editorial, em Portugal e no Brasil, em prole da divulgação da literatura portuguesa e espanhola. Movidos por uma forte curiosidade intelectual face, por um lado, aquilo que se nos afigurava ser o relevo deste indivíduo em muitos aspectos da imprensa e comunicação do seu tempo e, por outro, à escassez de dados relevantes sobre a sua vida, bem como pela necessidade de entendermos cabalmente a sua ligação à Agência Radio, decidimos aprofundar a nossa pesquisa sobre a figura de Alejo Carrera. Não conseguimos, ainda, identificar, nem em Portugal nem em Espanha, qualquer tipo de produção bibliográfica ou outra desenvolvida a seu respeito. No entanto, os jornais – portugueses, espanhóis e até brasileiros –, o meio socio-profissional privilegiado onde se movia, permitiram-nos reconstruir, com algum detalhe, os principais passos da vida deste homem que foi, no seu tempo, por motivos vários, digno de louvores de portugueses e espanhóis, reconhecido homem dos jornais e da cultura, respeitado elemento da comunidade galega em Portugal e também causador de «incómodos» que o levaram à prisão e a um processo de expulsão de Portugal. Até ao momento, pelo conhecimento que temos, Alejo Carrera, a que podemos chamar “homem dos mil ofícios”, não foi ainda alvo de um estudo biográfico aprofundado que apresente, sustentadamente, a vida multifacetada que teve. Esta comunicação não pretende, obviamente, colmatar totalmente esta lacuna, mas, recorrendo ao que ele fez publicar nos jornais e ao que os jornais publicaram sobre ele, pretende traçar em linhas gerais o contributo de Alejo Carrera para a imprensa e para a cultura do seu tempo.

Comunicação: *“Alejo Carrera Muñoz (1893-1967): uma vida contada pelos jornais”*

ABSTRACT Comunicação:

No âmbito de uma investigação na área da recepção dos estudos de Antiguidade em Portugal dedicada à identificação, recolha e análise das notícias e artigos publicados na imprensa portuguesa sobre a descoberta do túmulo (KV 62) do faraó Tutankhamon (1333-1323 a.C.), 12º faraó do Império Novo no antigo Egipto, por Howard Carter e Lord Carnarvon, em 1922, deparámo-nos com a necessidade de conhecer, de forma aprofundada, a realidade da imprensa portuguesa na década de 1920 e 1930 do século passado. Tendo por objectivo conhecer a forma como os factos que estavam a ocorrer no Egipto, mais concretamente no Vale dos Reis, chegavam aos jornais e às revistas portuguesas, embrenhámo-nos na análise do funcionamento das agências de notícias, ou agências

telegráficas como também eram chamadas, tendo especial interesse nas agências com que os jornais portugueses trabalhavam. Foi neste contexto que nos deparámos com um conjunto de interrogações e até com algumas contradições. Reunimos um corpus de cerca de aproximadamente 200 notícias e artigos sobre a descoberta túmulo do faraó Tutankhamon, sendo que 92 destas notícias identificam claramente – com a menção da primeira letra ou por extenso – a agência que as envia: 42 estão identificadas como pertencendo à Agência Radio, 34 à Lusitânia ou Luzitânia, 12 à Havas, três à D.N.B e uma à Reuter. Ao recorrer à bibliografia produzida sobre as agências de notícias a actuar em Portugal na época em causa, apurámos que a Agência Havas entrou em Portugal em 1866, mais precisamente a 10 de Março de 1866, quando o Diário de Notícias publica a primeira notícia chegada por este meio. Defende-se que, pelo menos, até 1930 foi a Havas que deteve o exclusivo do fornecimento de informações do estrangeiro aos jornais portugueses. Mesmo quando há a admissão da presença de outras agências, ela é fugaz e não concretizada. No entanto, o material que compulsámos e reunimos para a nossa investigação específica não se coaduna com esta visão, pois, em vez da suposta exclusividade, há uma variedade de agências a operar em Portugal. Para que a nossa perspectiva que não se limitasse apenas ao nosso corpus, optámos por recorrer à fonte mais fiável para obter informações mais concretas: os próprios jornais. Decidimos, assim, aprofundar a investigação sobre as duas principais fontes das nossas notícias: a Agência Radio e a Lusitânia. A escassez ou total ausência de bibliografia produzida sobre o assunto gerou a necessidade de um olhar exaustivo para os jornais em busca de respostas. No que respeita à Agência Radio, eles foram pródigos em informações. No caso da Lusitânia, a situação é diferente: primeiro foi preciso perceber que não estávamos a falar da Lusitânia fundada, em Portugal, por Luís Lupi em 1944; depois foi necessário passar dos jornais aos arquivos em busca das respostas que tardaram em aparecer. Deste modo, a nossa comunicação visa, partindo da realidade concreta de uma investigação em Recepção da Antiguidade, demonstrar o caminho percorrido para caracterizar a realidade notoriamente obscura das agências de notícias a actuar em Portugal nos anos de 1920 e 1930 do século XX, com especial enfoque para duas agências cuja presença ofuscava, claramente, a suposta exclusividade da Havas: a Agência Rádio e a Lusitânia.